

---

# Conferência Sindical Internacional

## Por uma globalização verdadeiramente alternativa

Montemor-o-Novo, 22 de Abril de 2010

---

Enquanto representante das relações internacionais da FENPROF na Europa, a minha intervenção pretende ser apenas o “**pontapé-de-saída**” para um debate, que será tanto mais rico quanto mais participado. Serei, portanto, breve.

O lema proposto – “**Repensar o Sindicalismo Docente em Tempos de Globalização**” – procura cruzar olhares sobre as estratégias nacionais e regionais de resistência e combate a esta globalização – neoliberal –

- que impõe os interesses da finança e do capital às políticas dos governos;
- que promove as leis do mercado em detrimento dos princípios democráticos de equidade e solidariedade, agravando a desigualdade social, a precariedade, o desemprego, a pobreza e a exclusão;
- que desresponsabiliza o Estado das suas funções sociais, desqualificando os serviços públicos e promovendo a sua privatização;
- que ataca os mais elementares direitos dos trabalhadores e as organizações que os representam...

A crise económica e social que atravessamos não deixou incólume o mundo da educação, verificando-se em muitos países uma acentuada **degradação da situação profissional dos docentes e da qualidade da escola pública** que se traduz em:

- cortes no financiamento,
- congelamento de salários (quando não redução),
- alteração das regras de aposentação e do cálculo das pensões,
- redução de vínculos e aumento de contratos precários,
- alargamento dos horários de trabalho e do número de alunos por turma,
- restrição de apoios a alunos com necessidades educativas especiais,
- tentativas de funcionarização dos professores e de controle da actividade docente,
- burocratização dos sistemas de avaliação do desempenho,
- desenvolvimento de lógicas de privatização (quer através do financiamento público ao ensino privado, quer transformando as instituições de ensino superior em fundações),
- etc, etc, etc.

### **NESTE CONTEXTO, QUE DESAFIOS SE LEVANTAM AO SINDICALISMO DOCENTE?**

Num livro recentemente editado, um companheiro nosso, Florival Lança, sustenta a necessidade de **reforçar a credibilidade, a legitimidade, a representatividade e a autonomia do movimento sindical** – autonomia face aos poderes instituídos, ao patronato e aos partidos políticos – e de o tornar mais **forte**, mais **capaz** e mais **eficaz**.

Subscrovo e sublinho algumas questões que me parecem importantes para conseguirmos esse objectivo:

**Reforçar a unidade na diversidade e pluralidade.** Quanto mais ampla a unidade, e maior a democraticidade na tomada de decisões, mais forte e mobilizadora será a acção reivindicativa. É importante aprofundar o diálogo com outros sindicatos – em Portugal, no passado recente, a criação de uma Plataforma que uniu todos os sindicatos docentes veio a revelar-se muito importante para a unidade, mobilização e luta dos professores.

**Afirmar caminhos alternativos e procurar formas de os atingir.** É recorrente a acusação de que os sindicatos são conservadores... estão sempre no contra... não querem mudanças... Como romper este “bloqueio” e ganhar a opinião pública para as nossas causas? Da capacidade de falar para fora depende o apoio ao nosso projecto sindical: um projecto que afirma a profissão docente como indispensável à construção de um futuro melhor e que valoriza a escola pública como garante da democratização da educação; um projecto que assenta na defesa do trabalho com direitos e no reconhecimento dos sindicatos como pilares essenciais da democracia.

**Prever, acompanhar e influenciar as agendas políticas.** Para responder mais rápida e eficazmente aos ataques de que os trabalhadores são alvo, devemos procurar intervir atempadamente nos vários espaços onde as decisões são tomadas. Por exemplo, no que respeita à definição das políticas europeias – temos agora a Estratégia 2020 –, como podemos fazer valer as nossas preocupações e reivindicações quanto à necessidade de mais investimento público na educação e na investigação, ao reforço da educação de infância, à defesa do designado modelo europeu de ensino superior e de investigação?... Por outras palavras, num contexto em que as políticas são cada vez mais concertadas a

nível supranacional, como podemos influenciar as políticas e pressionar os governos? Se conhecermos as intenções e os argumentos dos decisores, podemos ter os contra-argumentos preparados e isso pode permitir-nos antecipar reformas e responder rapidamente às mudanças de situação que se vão produzindo. É importante, também, escolher o momento oportuno para pressionar o poder político – em Portugal, recentemente, o facto de termos conseguido que os partidos assumissem compromissos pré-eleitorais com os sindicatos de professores foi decisivo para a inflexão de algumas medidas políticas.

**Renovar e reforçar a capacidade de representação.** É necessária e urgente uma profunda renovação dos sindicatos, a vários níveis: cultural, geracional, das políticas reivindicativas e das formas de luta (é preciso analisar a sua eficácia), de organização e funcionamento interno (reforçando regras democráticas), das suas direcções, favorecendo uma maior participação das mulheres e dos jovens – que muitas vezes vêem o sindicato como algo distante das suas expectativas e da sua linguagem. Precisamos de reforçar a nossa capacidade de representação, atraindo mais jovens. É com eles que os sindicatos podem renovar-se e preparar o futuro.

E falando do futuro, termino, agradecendo a presença de todos e fazendo votos de que a reflexão que vamos realizar aponte caminhos para o reforço da nossa acção, articulada com a de outros movimentos sociais, e nos permita construir uma ampla frente de luta por uma globalização verdadeiramente alternativa.

Manuela Mendonça  
Membro do Secretariado Nacional da FENPROF